

OBSESSÃO

Obsessão simples – Fascinação – Subjugação –
Causas da obsessão – Meios de combatê-la

237 Entre as muitas dificuldades que a prática do Espiritismo apresenta, é preciso colocar em primeira linha a *obsessão*, ou seja, o domínio que alguns Espíritos podem exercer sobre certas pessoas. Só é praticada pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos não impõem nenhum constrangimento; eles aconselham, combatem a influência dos maus e, se não são ouvidos, se retiram. Os maus, ao contrário, se prendem àqueles com que têm simpatia e, quando chegam ao domínio sobre alguém, identificam-se com o seu Espírito e o conduzem como uma verdadeira criança.

A obsessão apresenta características diversas, que é necessário distinguir e que resultam do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é, de algum modo, um termo genérico, abrangente, que designa esse conjunto de fenômeno cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.

238 A obsessão simples acontece quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, intromete-se, a seu mau grado, nas comunicações que recebe, impedindo-o de se comunicar com outros Espíritos e se fazendo passar pelos que são evocados.

Não se está obsidiado só porque se é enganado por um Espírito mentiroso; o melhor médium está sujeito a isso, principalmente no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós, as pessoas mais honestas podem ser enganadas por espertalhões. Pode-se, portanto, ser enganado sem estar obsidiado; a obsessão consiste na ligação constante com o Espírito do qual não se consegue desembaraçar.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que está sob a influência de um Espírito enganador, e este não esconde isso, não disfarça de modo algum suas más intenções e seu desejo de contrariar. O médium reconhece facilmente a fraude e, como se mantém alerta, raramente é enganado. Essa forma de obsessão é simplesmente desagradável e não tem outro inconveniente senão o de opor um obstáculo às comunicações que se gostaria de ter de Espíritos sérios ou daqueles a quem se tem afeição.

Pode-se incluir nessa categoria os casos de *obsessão física*, que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de certos Espíritos que fazem ouvir espontaneamente pancadas ou outros ruídos. Recomendamos ler a respeito desse fenômeno o capítulo 5, “Manifestações físicas espontâneas” (Veja a questão nº 82).

239 A *fascinação* tem conseqüências muito mais sérias. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium que paralisa de algum modo sua capacidade de julgar as comunicações. O médium fascinado não acredita ser enganado: o Espírito tem a arte de lhe inspirar uma confiança cega, que o impede de ver a fraude e de compreender o absurdo do que escreve, mesmo quando salta aos olhos de todos. A ilusão pode até lhe fazer ver o sublime na linguagem mais ridícula. É um erro se acreditar que esse tipo de obsessão pode atingir somente as pessoas simples, ignorantes e desprovidas de julgamento; os homens de mais entendimento, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos não estão isentos disso, o que prova que essa aberração é o efeito de uma causa estranha da qual sofrem a influência.

Dissemos que as conseqüências da fascinação são muito mais sérias. De fato, graças à ilusão que é a conseqüência dela, o Espírito conduz a criatura que veio a dominar como o faria com um cego, e pode lhe fazer aceitar as doutrinas mais absurdas, as teorias mais falsas como a única expressão da verdade. E mais, pode expô-la a situações ridículas, comprometedoras e mesmo perigosas.

Compreende-se facilmente a diferença entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois fenômenos devem diferir quanto ao caráter. Na primeira, o Espírito que atormenta a pessoa é apenas um inoportuno por sua insistência e do qual se deseja sinceramente se livrar. Na segunda, é outra coisa; para chegar a tais fins, é preciso um Espírito hábil, astuto e profundamente hipócrita, pois não pode enganar e se fazer aceitar senão com a ajuda da máscara com que se cobre e da falsa aparência da virtude; as grandes palavras de caridade, humildade e amor a Deus são para ele credenciais; mas, mesmo assim, deixa transparecer sinais de inferioridade que é preciso estar *fascinado* para não perceber. Também receia acima de tudo as pessoas que vêem muito claro. É por isso que sua tática é quase sempre inspirar o seu intérprete a se distanciar de todo aquele que possa lhe abrir os olhos. Assim, evitando toda contradição, está certo de ter sempre razão.

240 A *subjugação* é uma atormentação que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir fora da sua normalidade. Está, numa palavra, sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o subjugado é induzido a tomar decisões muitas vezes absurdas e comprometedoras, que, por uma espécie de ilusão, acredita serem sensatas; é uma espécie de fascinação. No segundo caso, o Espírito age sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Ela se manifesta no médium escrevente por uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Chega a acontecer de, na falta de uma caneta ou lápis, como já vimos, simularem escrever com o dedo, em qualquer lugar que se encontrem, mesmo nas ruas, nas portas e nos muros.

A subjugação corporal vai algumas vezes mais longe; ela pode levar aos atos mais ridículos. Conhecemos um homem que não era nem jovem nem bonito, mas, dominado por uma obsessão dessa natureza, via-se obrigado por uma força irresistível a se ajoelhar diante de qualquer jovem, que nunca tinha visto, e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nas pernas uma pressão tão grande que o forçava, apesar da sua resistência, a se ajoelhar e beijar a terra nos lugares públicos diante da multidão. Esse homem passava por louco entre seus conhecidos, mas nós estamos convencidos de que não era um caso de loucura, porque tinha plena consciência do ridículo que fazia contra a sua vontade e sofria horrivelmente com isso.

241 Dá-se vulgarmente o nome de *possessão* ao domínio exercido pelos maus Espíritos quando sua influência se faz sentir na anormalidade do uso das faculdades. A *possessão* corresponde para nós à subjugação. Se não adotamos esse termo, é por dois motivos: primeiro, porque implica a crença em seres criados para o mal e perpetuamente voltados para o mal, enquanto há apenas seres mais ou menos imperfeitos, mas todos passíveis de melhorar. O segundo implica a idéia de tomada de posse do corpo por um Espírito estranho, uma espécie de coabitação, quando há apenas constrangimento. A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a idéia. Assim, para nós, não há *possuídos*, no sentido comum da palavra; há apenas *obsidiados*, *subjugados* e *fascinados*.

242 A obsessão, como já dissemos, é um dos maiores entraves à mediunidade; é também um dos mais freqüentes. Por isso, nunca serão demasiados todos os cuidados que tenhamos em combatê-la, porque, além dos inconvenientes pessoais que acarreta, é um obstáculo incontestável à pureza e à veracidade das comunicações. A obsessão, em qualquer grau, é sempre o efeito de um constrangimento, e esse constrangimento, não podendo jamais ser exercido por um bom Espírito, resulta no fato de toda comunicação dada por um médium obsidiado ser de origem suspeita e não merecer nenhuma confiança. Se, por vezes,

nela se encontra algo de bom, é preciso separar isso e rejeitar tudo o que é simplesmente duvidoso.

243 Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

1ª) persistência de um Espírito em se comunicar, queira ou não o médium, pela escrita, audição, tiptologia etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam;

2ª) ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;

3ª) crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas e absurdas;

4ª) confiança do médium nos elogios que lhe fazem os Espíritos que se comunicam por ele;

5ª) tendência a se afastar das pessoas que podem lhe fazer advertências úteis;

6ª) levar a mal a crítica sobre as comunicações que recebe;

7ª) necessidade incessante e inoportuna de escrever;

8ª) qualquer constrangimento físico que lhe domina a vontade e o força a agir ou falar contra a sua vontade, e

9ª) ruídos e desordens constantes ao redor do médium, que é sua causa ou objeto.

244 Na presença do perigo da obsessão, pergunta-se se não é uma coisa deplorável ser médium, se não é essa faculdade que a provoca, ou seja, se não está aí uma prova dos inconvenientes das comunicações espíritas. Nossa resposta é fácil, e rogamos meditá-la com cuidado.

Não foram nem os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos, e sim os Espíritos que fizeram com que houvesse espíritas e médiuns; uma vez que os Espíritos não são outra coisa além da alma dos homens, está claro que há Espíritos desde que há homens e, por conseguinte, que eles têm durante todo o tempo exercido sua influência salutar ou perniciosamente sobre a humanidade. A faculdade mediúnica é para eles apenas um meio de se manifestarem; na falta dessa faculdade, eles o fazem de mil outras maneiras mais ou menos ocultas. Seria um erro acreditar que os Espíritos exercem sua influência apenas por meio de suas comunicações escritas ou verbais; essa influência é de todos os instantes, e mesmo os que não dão atenção aos Espíritos, ou não acreditam neles, estão expostos a isso como qualquer outro, e mais ainda do que os outros, porque não sabem como lidar com eles. A mediunidade é para o Espírito um meio de se fazer conhecer. Se é mau, ele se trai sempre, por mais hipócrita que seja; pode-se dizer que a mediunidade permite ver o inimigo face a

face, se assim se pode dizer, e enfrentá-lo com suas próprias armas. Se não for por meio dessa faculdade, age na sombra e, graças à sua invisibilidade, pode fazer, e faz realmente, muito mal. A quantos atos não é o homem impelido para a infelicidade e que teria evitado se tivesse um meio de se esclarecer. Os incrédulos não acreditam dizer tanta verdade quando dizem de um homem que se satisfaz no erro: “É seu mau gênio que o empurra para a desgraça”. Assim, o conhecimento do Espiritismo, em vez de facilitar o domínio aos maus Espíritos, deve ter por resultado, em um tempo mais ou menos próximo e quando for difundido, *destruir esse domínio*, ao dar a cada um os meios de se colocar em guarda contra suas sugestões, e aquele que sucumbir, desanimar, não poderá queixar-se senão de si mesmo.

Regra geral: todo aquele que recebe más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob uma má influência; essa influência se exerce sobre ele escreva ou não escreva, isto é, seja ou não médium, acredite ou não acredite. A escrita nos fornece um meio de nos assegurarmos da natureza dos Espíritos que agem sobre o médium e de combatê-los, se são maus, o que se faz ainda com mais sucesso quando conhecemos o motivo que os faz agir. Se é bastante cego para não compreendê-lo, outros podem lhe abrir os olhos.

Em resumo, o perigo não está no Espiritismo em si, uma vez que ele pode, ao contrário, servir de controle e nos preservar do perigo que corremos constantemente e sem o nosso conhecimento. O perigo está na orgulhosa propensão de certos médiuns, que acreditam ser, levianamente, instrumentos exclusivos dos Espíritos superiores, e na espécie de fascinação que não lhes permite compreender as bobagens de que são intérpretes. Mesmo os que não são médiuns podem se deixar fascinar. Citemos uma comparação. Um homem tem um inimigo secreto que não conhece e que espalha contra ele, ocultamente, a calúnia e tudo o que a maldade pode inventar. Esse homem vê sua fortuna se perder, seus amigos se afastarem, sua felicidade interior ser perturbada; ele não pode se defender e sucumbe; mas um dia esse inimigo secreto lhe escreve e, apesar de sua astúcia, trai-se. Eis seu inimigo descoberto, e pode então desmascará-lo e se reabilitar. É essa a ação dos maus Espíritos, que o Espiritismo nos dá a possibilidade de conhecer e desmascarar.

245 Os motivos da obsessão variam conforme o caráter do Espírito; algumas vezes é uma vingança que ele exerce sobre um indivíduo contra quem tem algo a se queixar durante sua vida ou em uma outra existência; muitas vezes também não há outra razão senão o desejo de fazer o mal; como sofre, quer fazer os outros sofrerem; sente prazer em atormentá-los,

em molestá-los; a impaciência das suas vítimas o excita, porque vê atingido o seu objetivo, enquanto a paciência delas o faz desistir, porque a vítima, ao se irritar e ao mostrar despeito, faz precisamente aquilo que ele quer. Esses Espíritos agem por vezes por ódio e por inveja do bem; é por isso que atormentam as pessoas mais honestas. Um deles se agarrou como uma sarna a uma honrável família de amigos nossos, mas não teve a satisfação de enganar; interrogado sobre o motivo de ter atacado antes pessoas boas do que homens maus como ele, respondeu: “Estes não me causam inveja”. Outros são guiados por um sentimento de covardia que os leva a se aproveitar da fraqueza moral de certos indivíduos que sabem incapazes de lhes resistir. Um desses, que subjuguava um jovem de inteligência muito limitada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, respondeu-nos: “Tenho uma necessidade muito grande de atormentar alguém; uma pessoa racional me repeliria; agarro-me a um idiota que não me opõe nenhuma resistência”.

246 Há Espíritos obsessores sem maldade, que têm mesmo algo de bom, mas que têm o orgulho do falso saber. Têm suas idéias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia e querem fazer prevalecer sua opinião; para isso, procuram médiuns muito crédulos que os aceitam de olhos fechados, a quem fascina para impedi-los de discernir o verdadeiro do falso. Esses são os mais perigosos, porque sabem enganar e podem fazer acreditar nas suas utopias, ou seja, criam argumentos aparentemente válidos nas fantasias mais ridículas. Conhecedores que são do prestígio dos grandes nomes, não têm nenhum escrúpulo em se fazer passar por um nome conhecido e diante do qual todos se inclinam. Não recuam nem mesmo diante do sacrilégio de se dizerem Jesus, a Virgem Maria ou um santo venerado. Procuram deslumbrar por uma linguagem pomposa, mais pretensiosa do que profunda, cheia de termos técnicos e enfeitada de grandes palavras de caridade e de moral; evitam dar um mau conselho porque sabem bem que seriam dispensados. Aqueles de quem abusam os defendem a todo custo, dizendo: “Vejam bem que não dizem nada de mau”. Mas a moral é para eles apenas um passaporte, é a menor de suas preocupações; o que querem, antes de tudo, é dominar e impor suas idéias, por mais insensatas que sejam.

247 Os Espíritos que gostam de ditar sistemas são geralmente escrevinhadores e procuram os médiuns que escrevem com facilidade, os quais fazem instrumentos dóceis e principalmente entusiastas, fascinando-os. São quase sempre excessivos no palavreado, muito longos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Comprazem-se

em ditar aos seus intérpretes volumosos escritos indigestos e muitas vezes pouco inteligíveis, que, felizmente, têm por antídoto natural a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são comedidos em palavras; dizem muita coisa com poucas frases. Portanto, uma fecundidade prodigiosa é sempre suspeita.

É preciso ser extremamente prudente quando se trata de publicar semelhantes escritos; as fantasias e as excentricidades, que são neles abundantes e que chocam o bom senso, produzem uma deplorável impressão nas pessoas que se iniciam na Doutrina Espírita, ao lhes dar uma idéia falsa do Espiritismo, sem contar que são armas de que os inimigos se servem para torná-la ridícula. Entre essas publicações, há as que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem ser consideradas imprudentes, *intempestivas* ou desastradas.

248 Muitas vezes ocorre de um médium poder se comunicar apenas com um único Espírito, que se liga a ele e responde pelos que são chamados por seu intermédio. Nem sempre é uma obsessão. Pode ser falta de esclarecimento do médium, uma afinidade especial de sua parte por esse ou aquele Espírito. Há obsessão propriamente dita apenas quando o Espírito se impõe e afasta os outros por sua vontade, o que um bom Espírito nunca faz. Geralmente, o Espírito que se apodera do médium visando dominá-lo não suporta o exame crítico de suas comunicações; se vê que não são aceitas e que são contestadas, ele não se retira, mas inspira ao médium o pensamento de se isolar, e muitas vezes até mesmo o induz a isso. Todo médium que se ofende com as críticas às comunicações que obtém faz-se porta-voz do Espírito que o domina, e esse Espírito não pode ser bom se lhe inspira um pensamento ilógico: o de se recusar ao exame. O isolamento do médium é sempre uma coisa prejudicial para ele, porque não há nenhum senso avaliatório para suas comunicações. Ele não somente deve se esclarecer pelas opiniões de terceiros, mas lhe é necessário estudar todos os gêneros de comunicação para compará-los. Ao se limitar às que obtém, por muito boas que lhes pareçam, expõe-se a iludir-se sobre seu valor, sem contar que ninguém sabe tudo e que essas comunicações giram quase sempre num mesmo círculo de idéias (Veja a questão nº 192, "Médiuns exclusivos").

249 Os meios de combater a obsessão variam conforme o caráter com que ela se reveste. O perigo não existe realmente quando é um médium bem esclarecido que identifica as suas relações com um Espírito mentiroso, como acontece na obsessão simples; isso é para ele apenas um fato desagradável. Mas o fato de isso lhe ser desagradável é uma razão a mais para o Espírito obstinar-se e tentar fazê-lo passar por um

vexame. Duas coisas essenciais a se fazer nesse caso: provar ao Espírito que não se é iludido e que lhe é impossível enganar; em segundo lugar, cansar-lhe a paciência ao se mostrar mais paciente do que ele. Quando estiver convencido de que perde seu tempo, acabará por se retirar, como fazem os importunos a quem não se dá ouvidos.

Às vezes isso nem sempre é suficiente e pode ser demorado, porque há os que são teimosos e, para eles, meses e anos nada significam. O médium deve, de outra forma, fazer um apelo fervoroso ao seu bom protetor, assim como aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, e rogar-lhes para assisti-lo. Com respeito ao Espírito obsessivo, por mais mau que seja, é preciso tratá-lo com firmeza, mas com benevolência, e vencê-lo por bons procedimentos, ao orar por ele. Se é realmente perverso, a princípio zombará disso, mas, mostrando-lhe o caminho da moral, acabará por se emendar. É uma tarefa de conversão a empreender, muitas vezes difícil, ingrata, mas cujo mérito está na dificuldade, e, se é bem realizada, dá sempre a satisfação de ter cumprido um dever de caridade e muitas vezes de ter conduzido ao bom caminho uma alma perdida.

Também é preciso interromper toda comunicação escrita quando se reconhece procedente de um mau Espírito, que não atende a nenhuma razão, a fim de não lhe dar o prazer de ser escutado. Em alguns casos, pode ser útil até mesmo parar de escrever por um tempo, procedendo de acordo com as circunstâncias. O médium escrevente pode evitar essas conversações abstendo-se de escrever, porém não ocorre o mesmo com o médium audiente, que o Espírito obsessivo persegue por vezes a todo instante com seus propósitos grosseiros e obscenos e que não pode contar nem mesmo com o recurso de tapar os ouvidos. De resto, é preciso reconhecer que certas pessoas gostam da linguagem trivial desse gênero de Espíritos, que encorajam e provocam ao rirem de suas bobagens, em vez de lhes impor silêncio e moralizá-los. Esses nossos conselhos não podem se aplicar àqueles que querem se arruinar.

250 Há apenas dissabor, e não perigo, para todo médium que não se deixa iludir, pois não pode ser enganado. Mas acontece de modo diferente com a *fascinação*, porque então o domínio que o Espírito exerce sobre a sua vítima não tem limites. A única coisa a fazer é convencer a pessoa de que está enganada e conduzir sua obsessão para o caso simples; mas isso nem sempre é fácil, e algumas vezes é até impossível. A ascendência do Espírito pode ser tal que torna o fascinado surdo a qualquer raciocínio, e pode chegar até a fazê-lo duvidar do acerto da ciência quando o Espírito comete alguma heresia científica séria. Como já dissemos, o fascinado acolhe geralmente muito mal os conselhos; a crítica

o melindra, o irrita e o faz teimar com aqueles que não partilham da sua admiração. Suspeitar de seu Espírito é quase uma profanação aos seus olhos, e é tudo o que o Espírito quer, pois o que deseja é que se ajoelhem diante de sua palavra. Um deles exercia sobre uma pessoa que conhecemos uma fascinação extraordinária; nós o evocamos e, depois de algumas charlatanices, vendo que não podia nos enganar quanto à sua identidade, acabou por confessar a falsidade. Quando lhe perguntamos porque abusava assim dessa pessoa, respondeu estas palavras, que denotam claramente o caráter dessa espécie de Espíritos: “Procurava um homem que eu pudesse conduzir; encontrei-o e aqui permanecerei.” “Mas, se o esclarecermos, ele vos expulsará”. “É o que nós veremos!” Como não há pior cego do que aquele que não quer ver, quando se reconhece a inutilidade de qualquer tentativa para abrir os olhos do fascinado, o que há de melhor a fazer é deixá-lo às suas ilusões. Ninguém pode curar um doente que se obstina em conservar sua doença e nela se compraz.

251 A subjugação corporal muitas vezes tira do obsidiado a energia necessária para dominar o mau Espírito obsessivo; é por isso que é preciso a intervenção de uma terceira pessoa, agindo seja pelo magnetismo, seja pela imposição de sua vontade. Não podendo contar com a participação do obsidiado, essa pessoa deve tomar ascendência sobre o Espírito; mas, como essa ascendência pode ser apenas moral, só um ser moralmente superior ao Espírito pode exercê-la, e seu poder será tanto maior quanto maior for a sua superioridade moral, porque se impõe ao Espírito, que fica forçado a se inclinar diante dele; é por isso que Jesus tinha um poder tão grande para expulsar o que se chamava, então, de demônios, ou seja, os maus Espíritos obsessores.

Podemos dar aqui apenas conselhos gerais, porque não há nenhum procedimento material, nenhuma fórmula e, principalmente, nenhuma palavra sacramental que tenha o poder de expulsar os Espíritos obsessores. O que falta algumas vezes ao obsidiado é força fluidica suficiente; nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador pode ajudá-lo. Além disso, é sempre bom procurar um médium de confiança e seguir os conselhos de um Espírito superior ou de seu anjo guardião.

252 As imperfeições morais do obsidiado são muitas vezes um obstáculo para a sua libertação. Eis aqui um exemplo ilustrativo que pode servir para a instrução de todos.

Havia umas irmãs (Veja o capítulo 5, “Manifestações físicas espontâneas”, questão nº 89) que por muitos anos foram vítimas de depredações muito desagradáveis. Seus vestidos eram espalhados constantemente

por todos os cantos da casa, e até pelos telhados, cortados, rasgados e picotados, por mais cuidado que tomassem em guardá-los à chave. Essas senhoras viviam numa pequena localidade interiorana; nunca tinham ouvido falar do Espiritismo. Seu primeiro pensamento, naturalmente, foi de acreditar que eram alvo de gracejadores de mau gosto, mas a persistência dos fatos e as precauções que tomavam lhes afastaram essa idéia. Só depois de muito tempo que, por algumas indicações, julgaram dever se dirigir a nós, para conhecer a causa desses estragos e os meios de os remediar, se fosse possível. Sobre a causa não havia dúvidas; o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava era evidentemente malévolo. Ele se mostrou, na evocação, de uma grande perversidade e inacessível a qualquer bom sentimento. Contudo, a prece pareceu exercer sobre ele uma influência salutar; mas, depois de algum tempo de descanso, as depredações recomeçaram. Eis, a esse respeito, o conselho que deu um Espírito superior:

“O que essas damas têm de melhor a fazer é orar para seus Espíritos protetores não abandoná-las, e não tenho melhor conselho a lhes dar do que fazer um exame de sua consciência para se confessar a si mesmas e examinar se sempre praticaram o amor ao próximo e a caridade; não digo a caridade que dá e distribui, mas a caridade da língua; infelizmente, elas não sabem dominar a sua e não justificam, com atos piedosos, o desejo que têm de se verem livres do que as atormenta. Gostam muito de maldizer o seu próximo, e o Espírito que as obsidia o faz por revanche, pois foi seu burro de carga quando vivo. Elas têm apenas que procurar em sua memória e verão logo quem ele é.

“Entretanto, se chegarem a melhorar, seus anjos guardiães se reaproximarão delas, e somente sua presença bastará para afastar o Espírito mau que se agarrou a uma delas especialmente, porque seu anjo guardião precisou se afastar diante de seus atos repreensíveis e de seus pensamentos maus. O que precisam é fazer preces fervorosas para aqueles que sofrem e, principalmente, praticar as virtudes impostas por Deus a cada um segundo sua condição”.

Observando que estas palavras nos pareciam um tanto severas e que seria preciso suavizá-las para transmiti-las, o Espírito acrescentou:

“Devo dizer o que disse e da forma como disse, porque as pessoas em questão têm o costume de acreditar que não fazem o mal com a língua, entretanto o fazem, e muito. Eis por que é preciso ferir seu Espírito de modo que seja para elas uma advertência séria”.

Ressalta disso um ensinamento de grande importância: as imperfeições morais dão lugar aos Espíritos obsessores, e o meio mais seguro

de se desembaraçar dessa obsessão é atraindo os bons pela prática do bem. Os bons Espíritos têm, sem dúvida, mais poder do que os maus, e sua vontade é suficiente para afastar os maus; mas assistem apenas aqueles que os merecem pelos esforços que fazem para melhorar; de outro modo, afastam-se e deixam o campo livre aos maus Espíritos, que se tornam assim, em alguns casos, instrumentos de punição, pois os bons os deixam agir com esse objetivo.

253 É preciso, além disso, se guardar de atribuir à ação direta dos Espíritos todos os dissabores que podem acontecer; muitas vezes eles são a consequência da negligência ou da imprevidência. Um fazendeiro nos escreveu que, havia doze anos, toda espécie de infelicidade lhe atingia em relação aos seus animais; ora eram suas vacas que morriam ou não davam mais leite, ora eram seus cavalos, seus carneiros e seus porcos. Fez muitas novenas que não remediaram o mal, assim como as missas que fez rezar e os exorcismos que fez praticar. Então, segundo a crença dos camponeses, persuadiu-se de que fora lançado um feitiço sobre seus animais. Creditando-nos sem dúvida um poder conjurador maior do que o do padre de sua cidade, pediu nosso parecer. Eis a resposta que obtivemos:

“A mortalidade ou a doença dos animais desse homem provém do fato de suas estrebarias estarem infectadas e de ele não fazer nada para as reparar, pois isso *custa dinheiro*”.

254 Terminaremos este capítulo com respostas dadas pelos Espíritos a algumas questões, em apoio ao que dissemos.

1. Por que alguns médiuns não podem se desembaraçar dos Espíritos maus que se ligam a eles e como os bons Espíritos que chamam não são poderosos o suficiente para afastar os outros e se comunicar diretamente?

“Não é o poder que falta ao bom Espírito; muitas vezes é o médium que não é forte o bastante para possibilitar esse auxílio; sua natureza se presta melhor a algumas relações; seu fluido se identifica antes com um Espírito do que com um outro; é o que dá um grande domínio àqueles que querem abusar disso.”

2. Entretanto, nos parece que há pessoas muito merecedoras, de uma moralidade irrepreensível, que não conseguem se comunicar com os bons Espíritos.

“Isso é uma prova, e quem vos diz, aliás, que não tem o coração maculado por um pouco de mal? Que o orgulho não domina um pouco a aparência da bondade? Essas provas, ao mostrar ao obsidiado sua fraqueza, devem fazê-lo inclinar-se para a humildade.

“Haverá alguém sobre a Terra que possa se dizer perfeito? Aquele que tem todas as aparências da virtude pode ainda ter defeitos ocultos, uma velha levedura de imperfeição. Assim, por exemplo, dizeis de quem não faz mal, de quem é leal em suas relações sociais: é um homem valeroso e digno; mas sabeis se suas boas qualidades não são manchadas pelo orgulho? Se não é avarento, rancoroso, maldizente e muitas outras coisas que não percebeis, visto que as vossas relações com ele não vos dá ensejo de as revelar? O meio mais poderoso de combater a influência dos maus Espíritos é aproximar-se o mais possível da natureza dos bons.”

3. A obsessão que impede um médium de obter as comunicações que deseja é sempre um sinal de indignidade de sua parte?

“Não disse que é um sinal de indignidade, mas que há obstáculos a algumas comunicações; é para retirar os obstáculos que tem nele que deve se empenhar; sem isso, suas preces, suas súplicas não farão nada. Não basta a um doente dizer ao seu médico: dai-me saúde; eu quero passar bem; o médico não pode nada se o doente não faz o que é necessário.”

4. A impossibilidade de se comunicar com alguns Espíritos seria assim uma espécie de punição?

“Em alguns casos, isso pode ser uma verdadeira punição, como a oportunidade de se comunicar com eles é uma recompensa que deveis vos esforçar por merecer.” (Veja o capítulo 17, questão nº 220, “Perda e suspensão da mediunidade”).

5. Não se pode combater também a influência dos maus Espíritos moralizando-os?

“Sim, mas é o que não se faz e o que não se pode deixar de fazer, porque muitas vezes é uma tarefa que vos é dada e que deveis realizar caridosa e religiosamente. Por meio de sábios conselhos, pode-se encaminhá-los ao arrependimento e apressar seu adiantamento.”

5 a. Como um homem pode ter sob esse aspecto mais influência do que têm os próprios Espíritos?

“Os Espíritos perversos se aproximam mais dos homens, a quem procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação com os humanos, quando encontram os que os moralizam, primeiramente eles não os escutam e riem deles; depois, se souber cativá-los, acabam se sentindo tocados. Os Espíritos elevados podem lhes falar apenas em nome de Deus, e isso os assusta. O homem, embora não tenha mais poder do que os Espíritos superiores, usa uma linguagem que se identifica melhor com a natureza deles e, ao

ver o ascendente que ele pode exercer sobre os Espíritos inferiores, compreende melhor a solidariedade que existe entre o céu e a terra.

“Além disso, essa ascendência que o homem pode exercer sobre os Espíritos está em razão de sua superioridade moral. O homem não tem domínio sobre os Espíritos superiores, nem mesmo sobre os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os Espíritos que lhe são inferiores em moralidade” (Veja a questão nº 279).

6. A subjugação corporal num certo grau pode ter como consequência a loucura?

“Sim, a uma espécie de loucura cuja causa é desconhecida do mundo, mas que não tem relação com a loucura comum. Entre aqueles que são tratados por loucos, há muitos que são subjugados: seria preciso fazer com eles um tratamento moral, enquanto os tornam loucos verdadeiros com os tratamentos corporais. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que curam com as duchas” (Veja a questão nº 221).

7. O que se deve pensar daqueles que vêem um perigo qualquer no Espiritismo e acreditam que o meio de preveni-lo é proibir as comunicações espíritas?

“Ainda que possam proibir algumas pessoas de se comunicarem com os Espíritos, não podem impedir as manifestações espontâneas feitas a essas mesmas pessoas, pois não podem suprimir os Espíritos nem impedir sua influência oculta. Eles se parecem com as crianças que tapam os olhos e acreditam que ninguém as vê. Seria loucura querer suprimir uma coisa que oferece grandes vantagens só porque há imprudentes que abusam disso; o meio de prevenir esses inconvenientes, ao contrário, é fazer conhecer o Espiritismo a fundo.”